

UMA BREVE ANÁLISE DOS PRINCIPAIS PARALELOS TEMÁTICOS ENTRE O LIVRO DE DANIEL E A PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO

A BRIEF ANALYSIS OF THE MAIN THEMATIC PARALLELS BETWEEN THE BOOK OF DANIEL AND THE FIRST EPISTLE OF PETER

*Eduardo Rueda Neto*¹

Resumo: A interconectividade entre textos das Sagradas Escrituras tem ganhado espaço cada vez maior no campo dos estudos teológicos e nas Ciências da Religião. Mesmo nos casos em que a relação não parece tão explícita, é possível encontrar interessantes paralelos ao se compararem diferentes trechos ou livros do cânon sagrado. É precisamente isso o que ocorre ao se contraporem o livro do profeta Daniel e a Primeira Epístola de Pedro. Ainda que a relação de dependência entre ambos os escritos não seja tão notória a princípio, uma análise mais atenta revela importantes paralelos, sobretudo de natureza temática, entre as obras. O presente trabalho tem como objetivo a análise de tais paralelos e sua contribuição para a interpretação de ambos os livros. O método empregado é a comparação textual atenta em busca de vínculos temáticos. Como resultado, constatou-se que existem diversas e ricas conexões entre o livro de Daniel e a Primeira Epístola de Pedro, com potencial de redundar em grande benefício para o leitor-estudante. Logo, conclui-se que um adequado estudo – tanto acadêmico quanto pessoal e pastoral – de ambas as obras bíblicas não deveria prescindir da consideração dos paralelos existentes entre elas.

Palavras-chave: Daniel. 1Pedro. Paralelos. Vínculos.

Abstract: The interconnectivity between texts of the Holy Scriptures has gained increasing space in the field of theological and religious studies. Even in cases where the relationship does not seem so explicit, it is possible to find interesting parallels when comparing different passages or books of the sacred canon. This is precisely what happens when the book of the prophet Daniel and the First Epistle of Peter are opposed. Although the relationship of dependence between both writings is not so obvious at first, a closer analysis reveals important parallels, especially of a thematic nature, between the works. This article aims to analyze such parallels and their contribution to the interpretation of both books. The method employed is the attentive textual comparison in search of thematic links. As a result, it was found that there are several rich connections between the book of Daniel and the First Epistle of Peter, with the potential to be of great benefit to the reader-student. Therefore, it is concluded that an adequate study – both academic and personal and pastoral – of both biblical works should not dispense with the consideration of the existing parallels between them.

Keywords: Daniel. 1Peter. Parallels. Links.

Introdução

Seja sob o nome de intertextualidade ou exegese/interpretação intrabíblica, a

¹ Graduado em Filosofia e Teologia e licenciado em Letras; especialista (*lato sensu*) em Ciências da Religião e Antropologia; mestre em Teologia; doutorando em Teologia (PUC-SP). Membro do Grupo de Pesquisa em Literatura Joanina (LIJO). Contato: eduardo.rueda.neto@gmail.com

relação entre textos dentro do cânon sagrado tem ganhado crescente espaço no campo dos estudos bíblicos, tanto na Teologia quanto nas Ciências das Religião (RUEDA NETO, 2022, p. 2-3). Em termos gerais, considera-se que a interconexão entre textos das Sagradas Escrituras, sobretudo quanto aos vínculos entre Antigo e Novo Testamento, ocorre em três níveis: paralelos verbais, temáticos e estruturais (DORNELES, 2016, p. 30-31). No presente artigo, nos debruçaremos em explorar os principais *paralelos temáticos* existentes entre o livro de Daniel e a Primeira Epístola de Pedro.

Uma simples leitura de ambas as obras bíblicas revela a existência de diversas coincidências temáticas. Mesmo nos casos em que a correlação não é tão explícita a princípio, é possível identificar e/ou estabelecer, mediante atenciosa análise, um diálogo bastante rico entre os textos petrinos e daniélicos. Não faz parte do escopo deste breve estudo explorar a intencionalidade dos vínculos existentes entre os referidos livros bíblicos. Isto é, não há aqui a preocupação de saber se o autor da epístola, que admitimos ser o apóstolo Pedro,² aludiu propositadamente a textos do livro de Daniel ou os ecoou em sua epístola. Antes, a preocupação primária é identificar e explorar os temas em que ambas as obras convergem e trazer a lume a beleza e riqueza de tal cruzamento, bem como as suas potenciais contribuições para a exegese bíblica.

O método aqui empregado é sucinto: a comparação textual atenta em busca de paralelos de natureza temática entre Daniel e 1Pedro. Uma vez que o foco primordial é a convergência de temas, não se apresentará a análise de palavras e expressões nos idiomas originais (hebraico, aramaico e grego), o que não significa que o pesquisador tenha prescindido dessa análise durante a preparação do artigo.

Por fim, convém informar que a versão bíblica adotada nesta pesquisa é a Almeida Revista e Atualizada, 2ª edição, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo outra indicação.³

Principais paralelos temáticos entre Daniel e 1Pedro

Universalidade – A universalidade ou abrangência da Primeira Carta de Pedro,

² Sproul (2016, p. 15) observa que, “no que diz respeito ao testemunho externo, o da igreja cristã primitiva é universal e unânime. Essa epístola foi recebida logo no início da história cristã, em meados do século 1º, como tendo sido escrita por Pedro. Esse testemunho é confirmado pelas mentes mais importantes dos primeiros séculos. A autoria de Pedro foi afirmada por Irineu na sua disputa contra as heresias, por Tertuliano, por Clemente de Alexandria, por Orígenes e pelo historiador Eusébio. Essas são as autoridades mais respeitadas fora da Bíblia nos primeiros séculos do cristianismo”.

³ A numeração de capítulos e versículos segue a dessa tradução, exceto no caso do Livro dos Salmos, em que se preferiu indicar a dupla numeração existente, que contempla as traduções católicas e protestantes.

indicada pelo fato de ser dirigida a cinco regiões diferentes da Ásia Menor (1Pd 1,1-2), encontra seu paralelo nas saudações universais de Nabucodonosor e Dario “a todos os povos, nações e homens de todas as línguas, que habitam em toda a terra” (Dn 4,1; cf. 6,25).⁴ Tanto Pedro quanto esses monarcas usam a saudação: “Paz vos seja multiplicada!”, usual nos tempos antigos. Lieu (1985, p. 173) considera que haja na saudação petrina um eco consciente da forma similar presente em Daniel 4,1 (3,31, em algumas versões), como um precedente escriturístico apropriado para uma carta circular.

Imagem do ouro – Tanto em Daniel quanto em 1Pedro a imagem do ouro está presente (Dn 2,38; 3,1; 1Pd 1,7). Em Daniel, o ouro é símbolo da Babilônia, que, na estátua do sonho profético de Nabucodonosor, é um reino passageiro, pois seria substituído por outra potência: a Medo-Pérsia, representada pela prata (Dn 2,32.39). De fato, cada reino subsequente iria ascender e cair, até que a própria estátua (ou seja, a história presente) fosse substituída pelo reino eterno de Deus – representado pela pedra que se tornou uma grande montanha (Dn 2,35.44). Aborrecido com a realidade de que seu poder era transitório, Nabucodonosor desafiou o oráculo divino e erigiu uma estátua de verdade toda de ouro, como que para afirmar que, ao contrário de seu sonho, seu reino duraria para sempre. No entanto, Babilônia inevitavelmente cairia alguns anos depois (Dn 5).

Da mesma forma, Pedro explora a perecibilidade e a transitoriedade do ouro quando compara com ele a fé dos atribulados cristãos. A fé de um filho de Deus, cuja autenticidade é comprovada por “várias provações” (1Pd 1,6), é muito mais valiosa do que o ouro puro refinado pelo fogo (1Pd 1,7), que, embora tenha uma alta qualidade, ainda é perecível. Em outras palavras, embora o ouro seja estimado como um bem precioso e estável, altamente valorizado e mencionado centenas de vezes na Bíblia, mais do que qualquer outro metal, e sirva como referência para determinar transações monetárias, ainda assim, acaba se deteriorando com o uso e o desgaste, mesmo o ouro refinado. Na comparação feita por Pedro, a implicação óbvia é que, se o ouro perecível é purificado, quanto mais a fé, que é algo de valor permanente, deve ser testada na vida do cristão! (KISTEMAKER, 2006, p. 67-68).

Contrariamente ao caráter transitório do ouro, a fé cristã terá uma permanência

⁴ Sobre Daniel 4,1, Jeske (1985, p. 71) pontua que, “embora Nabucodonosor soubesse que havia regiões do mundo sobre as quais ele não tinha autoridade, ainda assim, como o governante preeminente de sua época, alegou ser o governante do mundo. E agora ele tinha uma mensagem importante para todos em seu vasto reino”.

eterna – como o reino de Deus, visto por Daniel –, pois resultará em “louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo” (1Pd 1,7). A futilidade do ouro mundano, terreno também é destacada quando Pedro declara que os cristãos não foram redimidos com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, “mas pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo” (1Pd 1,18-19). Em Daniel, ouro e prata são mencionados juntos em 5,4, quando o rei Belsazar e seus nobres beberam vinho e “deram louvores aos deuses de ouro [e] de prata”, entre outros materiais, na última festa orgiástica da Babilônia – ato que consumaria a queda do império, confirmando assim sua transitoriedade e a futilidade de seus deuses, os quais não puderam livrar seus adoradores da ruína iminente (Dn 5,22-28.30-31).

Imagem do fogo; fidelidade a Deus – Também encontramos um forte paralelo entre a metáfora do fogo refinador usada por Pedro (1Pd 1,7; 4,12) e a narrativa dos três jovens hebreus (Sadraque, Mesaque e Abede-nego) lançados na fornalha de Nabucodonosor (Dn 3). De fato, como Keener (2017, p. 810) lembra, “a imagem dos justos sendo testados como metais preciosos purificados na fornalha vem do Antigo Testamento”. A fé e fidelidade daqueles jovens eram, verdadeiramente, muito mais preciosas e duradouras do que o passageiro reino de Babilônia, representado por ouro perecível (Dn 2,38-39; 5), e por fim resultou em “louvor, glória e honra” a Deus (cf. Dn 3,28-29; 4,34). Isso corresponde perfeitamente à experiência dos primeiros cristãos, destinatários de 1Pedro, que foram perseguidos por causa de sua fé mas mantiveram sua lealdade a Deus. O sofrimento injusto dos amigos de Daniel, que entregaram suas vidas ao Senhor para morrer se fosse da Sua vontade (Dn 3,18-19), tem seu paralelo na realidade dos cristãos que “sofrem por causa da justiça” (1Pd 3,14) e são encorajados a entregar “a sua alma ao fiel Criador” (1Pd 4,19).

Integridade – Em certo sentido, os jovens hebreus, incluindo Daniel, eram tipos não apenas da igreja cristã no futuro, mas também do próprio Cristo. Pedro diz de Jesus que Ele era um “cordeiro sem defeito e sem mácula” (1Pd 1,19). Paralelamente, Nabucodonosor ordenou a Aspenaz, chefe de seus eunucos, que trouxesse da aristocracia israelita “jovens sem nenhum defeito” (Dn 1,4). Esses jovens hebreus não eram apenas íntegros em aparência ou constituição física. Eles se mantiveram moralmente incorruptos também, não comendo do banquete impuro e idólatra, nem se curvando diante da imagem de ouro de Nabucodonosor (Dn 1; 3). Sua integridade inabalável antecipou muitos séculos antes a incorruptibilidade de Cristo – o Homem perfeito, o Sacrifício imaculado.

A firmeza de Daniel e seus amigos em não participar “das finas iguarias da mesa

real e do vinho que ele [o rei] bebia” (Dn 1,5.8) prefigura a recomendação de Pedro aos seus leitores cristãos: “Amados, exorto-vos, como peregrinos e forasteiros que sois, a vos absterdes das paixões carnis, que fazem guerra contra a alma, mantendo exemplar o vosso procedimento no meio dos gentios” (1Pd 2,11-12). Assim como aqueles jovens hebreus precisavam permanecer fiéis a Deus resistindo ao pecado enquanto eram residentes em uma terra estranha, os cristãos, como peregrinos neste mundo pecaminoso, devem resistir às “paixões carnis”. Em todos os aspectos de suas vidas, Daniel e seus amigos mantiveram uma conduta honrosa entre os gentios, assim como Pedro encorajou a igreja a se comportar naquela sociedade pagã (cf. Dn 1; 3; 6).

Há nisso um componente identitário. Mediante sua resolução e resistência àquilo que os ameaçava contaminar, Daniel, bem como seus companheiros, desejavam não se afastar do temor ao Deus verdadeiro nem se alienar de suas raízes étnicas; antes, procuraram manter a lembrança de suas origens e permanecer como irrepreensíveis e sinceros adoradores de Yahweh (CALVINO, 2010, p. 96-97). É provável que Pedro quisesse inspirar semelhante firmeza em seus leitores.

Escatologia – Essa relação quase tipológica entre os servos de Deus de outrora e os crentes dos tempos do Novo Testamento é reforçada por um paralelo escatológico. Daniel foi informado de que suas profecias se referiam a “dias ainda mui distantes” (Dn 8,26). Por isso, seu livro deveria ser selado “até ao tempo do fim” (Dn 12,4.9). Paralelamente, Pedro menciona a “salvação preparada para revelar-se no último tempo” (1Pd 1,5), e estava certo de que estava próximo “o fim de todas as coisas” (1Pd 4,7). De fato, embora muitas das profecias de Daniel fossem cumprir-se apenas muitos anos ou séculos após a época de Pedro (como os 2.300 dias de Daniel 8), muitas delas já se haviam cumprido, total ou parcialmente, como a sequência dos impérios mundiais (Dn 2; 7) – Pedro viveu no tempo de Roma, o quarto império – e a profecia das 70 semanas (Dn 9) – o Messias já havia vindo, no tempo certo e exatamente como previsto.⁵ Assim, de certa forma, Pedro e seus leitores viveram no “último tempo” para o qual a mensagem de Daniel estava destinada.

É também no fim dos tempos que, de acordo com a profecia de Daniel, os “que dormem no pó da terra ressuscitarão” – “uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno” (Dn 12,2). Da mesma forma, na doxologia introdutória de Pedro, o apóstolo louva a Deus pela nova vida e esperança dada aos crentes por meio da

⁵ Para detalhes sobre as profecias de Daniel 2, 7, 8 e 9, ver Nichol (2013).

ressurreição de Jesus Cristo (1Pd 1,3). Essa nova vida inclui uma herança incorruptível reservada no Céu, ou seja, a vida eterna (v. 4). Tal herança será recebida “no último tempo” (v. 5), após a ressurreição dos salvos (que está implícita na epístola), exatamente como foi prometido a Daniel (Dn 12,13).

Profecias sobre o Messias e as boas-novas de salvação – A conexão profética entre Antigo e Novo Testamento também fica evidente quando Pedro declara que “foi a respeito desta salvação que os profetas indagaram e inquiriram, os quais profetizaram acerca da graça a [nós] destinada” (1Pd 1,10). Certamente Daniel está incluído nesta declaração. O profeta estava claramente interessado em entender as visões que ele tinha sobre o futuro. Em Daniel 7,19, por exemplo, ele diz: “Tive desejo de conhecer a verdade a respeito do quarto animal, que era diferente de todos os outros.” E em Daniel 8,26-27, ele ficou perplexo por causa da visão (*mar’eh*) das 2.300 tardes e manhãs, que ele não conseguia compreender. No capítulo 9,20-27, o anjo Gabriel vem esclarecer a *mar’eh* do capítulo anterior, acrescentando mais informações com a profecia das 70 semanas.⁶ Cada uma das profecias de Daniel tem algo a ver com o Messias e o tempo de salvação que Ele traria. No entanto, a profecia das 70 semanas é a que mais aponta para a graça que se manifestaria (1Pd 1,10). Segundo ela, “setenta semanas [foram] determinadas [...] para fazer cessar a transgressão, para dar fim aos pecados [e] para expiar a iniquidade” (Dn 9,24).

Pedro também afirma que os profetas buscaram saber “qual a ocasião ou quais as circunstâncias oportunas, indicadas pelo Espírito de Cristo, que neles estava”, acerca dos eventos relacionados à história da salvação, em torno dos sofrimentos e da glorificação de Cristo (1Pd 1,11). De fato, Daniel estava interessado em saber o que aconteceria no “tempo determinado” (Dn 8,19), e a profecia das 70 semanas (Dn 9,20-27) indica precisamente o tempo do primeiro advento de Cristo. Além disso, a profecia mais ampla dos 2.300 dias (Dn 8,14) leva a eventos que finalmente resultarão na glória final de Cristo e Seu povo. Em Daniel 7,13-14, também, o Filho do Homem é visto recebendo “domínio, e glória, e o reino”.

Segundo Pedro, aos profetas do Antigo Testamento foi revelado que aquelas profecias sobre Cristo foram dadas não para si mesmos, mas para as gerações futuras a

⁶ Goldstein (2017, p. 38-40) explica como a ligação entre a visão dos 2.300 dias (ou “duas mil e trezentas tardes e manhãs”), em Daniel 8, e a explicação fornecida pelo anjo Gabriel, em Daniel 9, se dá a princípio por meio da palavra *mar’eh*, que, diferentemente de *hāzōwn* (também traduzida por “visão”), refere-se especificamente às referidas “tardes e manhãs”.

quem o evangelho seria pregado (1Pd 1,12). Como já vimos, Daniel foi realmente informado de que suas visões se referiam “ao tempo do fim” (Dn 8,17), “a dias ainda mui distantes” (Dn 8,26), razão pela qual ele deveria selar seu livro “até ao tempo do fim” (Dn 12,4.9). Ou seja, Daniel sabia que estava ministrando não para o seu tempo, mas para outros no futuro.

Anjos atentos ao conteúdo da mensagem divina – A mensagem da salvação em Cristo – predita pelos profetas e proclamada pelos pregadores do evangelho – é tão maravilhosa que até os anjos “anelam perscrutar” (1Pd 1,12). Jobes (2022, p. 114) esclarece que “as coisas que os profetas ministraram e que os anjos desejavam investigar especificamente são os sofrimentos e as glórias destinados ao Messias no versículo 11 [de 1Pedro 1]”. Paralelamente, em Daniel, os seres celestiais mostram um profundo interesse em entender alguns detalhes das visões do profeta (Dn 8,13; 12,5-6). O ávido interesse dos anjos nos assuntos revelados por Deus à humanidade evidencia seu completo envolvimento com nossa realidade e confirma a ideia de que “nosso pequenino mundo é o livro de estudo do Universo” (WHITE, 2004, p. 19).

O cuidado divino – O cuidado de Deus por Seus filhos também é um tema dominante tanto em Daniel quanto em 1Pedro, tanto implícita quanto explicitamente. Em 1Pedro 3,12, por exemplo, o apóstolo, exortando seus leitores a cultivar uma vida exemplar, toma palavras do Salmo 34[33] e declara que “os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os Seus ouvidos estão abertos às suas súplicas” (cf. Sl 34[33],15[16]). Grudem (2016, p. 150) afirma que a oração *os olhos do Senhor estão sobre os justos* “subentende não apenas que Deus vê o que os justos fazem [...], mas que toma conta deles para sempre, reconhecendo e suprimindo suas necessidades”. A veracidade dessas palavras é atestada no episódio narrado em Daniel 6, em que o profeta, por sua integridade, é lançado na cova dos leões, mas é liberto pelo anjo enviado por Deus (Dn 6,22). Também se vê a comprovação da asserção bíblica na história dos jovens hebreus na fornalha (Dn 3,24-27). Nenhum ferimento foi causado a Daniel nem aos seus amigos; mas, mesmo que fosse, certamente os servos de Deus manteriam sua fidelidade até o fim (cf. Dn 3,16-18; 6,10; 1Pd 3,13-17), provando que é melhor, se for da vontade de Deus, sofrer por fazer o bem do que por praticar o mal (1Pd 3,17).

Prontidão e firmeza na resposta – De acordo com Pedro, os cristãos devem estar prontos para responder a todos que lhes perguntarem a razão de sua esperança, especialmente quando pessoas maliciosas os acusam e os difamam como malfeitores (1Pd 3,15-16). Tanto no caso dos jovens hebreus na fornalha ardente como na história de

Daniel na cova dos leões, a recomendação do apóstolo é bem ilustrada. Todos esses foram falsamente acusados (Dn 3,8; 6,13), mas deram uma resposta adequada – os jovens hebreus afirmando sua confiança e lealdade incondicional a Deus,⁷ e Daniel mantendo seu hábito de orar todos os dias (Dn 3,16-18; 6,10).

Figuras do agente do mal – Falando ainda dos sofrimentos dos cristãos e, adicionalmente, dos ataques do inimigo contra o povo de Deus, Pedro compara Satanás a um “leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pd 5,8) – uma ameaça pior que padrões injustos, vizinhos maledicentes e injuriosos, cônjuges incrédulos, autoridades opressoras e uma sociedade hostil, elementos sobre os quais se tratou anteriormente na epístola; por detrás de todas essas coisas “havia um inimigo mais perigoso e poderoso” (LOPES, A. N., 2019, p. 228). Aqui o apóstolo ecoa, em maior ou menor grau, a história de Daniel na cova dos leões (Dn 6), além de outras passagens (cf. Sl 22[21],12[13]-13[14]; 57[56],4[5]; Jó 1,7; Gn 4,7; Jr 50,17). Pedro aconselha seus leitores a resistirem ao diabo firmes na fé, conscientes de que sua irmandade no mundo está passando pelos mesmos sofrimentos (1Pd 5,9). Isso está em paralelo com Daniel 7,21.25, passagem em que é dito que o “chifre pequeno”, sem dúvida um agente do mal, faria guerra contra os santos, perseguindo-os.

Futuro glorioso – No entanto, apesar dos sofrimentos e perseguições que o povo de Deus está destinado a enfrentar nesta vida, a ele é prometida uma “eterna glória” (1Pd 5,10), em um reino que “não será jamais destruído” porque “subsistirá para sempre” (Dn 2,44). Em Daniel 7,18, é dito que “os santos do Altíssimo receberão o reino e o possuirão para todo o sempre, de eternidade em eternidade”. Enquanto os servos de Deus são estrangeiros e peregrinos neste mundo e devem viver em Babilônia (Dn 1,1-8; 1Pd 1,1; 2,11; 5,13),⁸ a graça divina é dada para aperfeiçoá-los, firmá-los, fortificá-los e fundamentá-los (1Pd 5,10), como o Senhor fortaleceu Daniel em sua fraqueza (Dn 10,18). Além disso, é prometido que o Senhor exaltará aqueles que se humilharem sob Sua mão poderosa (1Pd 5,6), ainda neste mundo, da mesma forma como exaltou Daniel e seus

⁷ É notável o fato de que Sadraque, Mesaque e Abede-nego “não duvidavam do poder do seu Deus de livrá-los da fornalha do rei, mas não tinham o direito de presumir que Ele efetivamente o faria. Se não o fizesse, estavam dispostos a assumir as consequências, não comprometendo a sua consciência diante de tal trama” (BALDWIN, 2008, p. 110-111).

⁸ A referência a Babilônia em 1Pedro 5,13 é um tanto enigmática. No entanto, como comenta H. D. Lopes (2019, p. 369), “a maioria dos estudiosos, dentre eles os pais da Igreja, Eusébio e Jerônimo, entende que Pedro escreveu sua carta de Roma e, por se tratar de um tempo de perseguição, preferiu referir-se à capital do império por meio de códigos”. O fato de Babilônia estar relacionada ao exílio e dispersão do povo de Deus é significativo em vista do público-alvo e dos temas subjacentes da carta. Em 1Pedro, Babilônia acaba servindo também como um símbolo da sociedade pagã em que viviam os cristãos, repleta de desafios à fé.

amigos no tempo certo (Dn 2,48-49; 3,30).

O juízo divino – Sobre o tema do juízo, também há fortes conexões entre Daniel e 1Pedro. O apóstolo menciona práticas pagãs como “dissoluções, concupiscências, borracheiras, orgias, bebedices e [...] detestáveis idolatrias” e declara que aqueles que fazem tais coisas “hão de prestar contas Àquele que é competente para julgar vivos e mortos” (1Pd 4,3.5). Da mesma forma, em Daniel 5, vemos uma grande festa promovida pelo rei Belsazar, na qual se praticou exatamente a lista de pecados apresentada por Pedro. Por fim, porém, Deus – Aquele que julga os vivos e os mortos – deu a sentença final contra o Império Babilônico (Dn 5,25-28).

Semelhantemente, em 1Pedro 4,17, o apóstolo diz que “a ocasião de começar o juízo pela casa de Deus é chegada”. Tal julgamento encontra correspondência no processo judicial apresentado no capítulo 7 de Daniel (relacionado também aos capítulos 8 e 9), conduzido pelo “Ancião de Dias” e feito “*a favor dos santos*” (Dn 7,22, João Ferreira de Almeida Atualizada, itálicos acrescentados), vindicando sua causa contra seus opressores.⁹ Esse julgamento investigativo é paralelo à Pedra escatológica que destrói a estátua do sonho de Nabucodonosor (Dn 2), significando que aconteceria imediatamente antes da vinda de Cristo, ou seja, no “fim de todas as coisas” (1Pd 4,7; cf. Dn 12,4).

Amor; misericórdia – Em 1Pedro 4,8, o apóstolo recomenda aos seus leitores fervoroso amor (*agapē*) de uns pelos outros e cita Provérbios 10,12, dizendo que “o amor cobre multidão de pecados”. De forma análoga, Daniel apela ao amor leal (*hesed*) de Deus para perdoar, cobrir, por assim dizer, os pecados de seu povo (Dn 9,4-5.17.19). É certo, pois, afirmar que “a petição de Daniel é baseada na grande misericórdia de Deus, não no mérito de Israel. Na verdade, a misericórdia pressupõe o pecado – o pecado de Israel” (MANGANO, 2001, p. 271). Logo, Daniel apela ao favor imerecido de Yahweh, a mesma graça à qual Pedro também tantas vezes se refere em sua epístola com o termo *charis* (1Pd 1,2.10.13; 3,7; 4,10; 5,5.10.12).

Doxologia; perseverança – Até mesmo a doxologia final de 1Pedro ecoa palavras do livro de Daniel. Louvando a Deus por Sua graça e pelas bênçãos que Ele dá ao Seu povo através de seus sofrimentos, o apóstolo diz: “A Ele seja o domínio, pelos séculos dos séculos. Amém!” (1Pd 5,11; ver também a doxologia em 4,11). Isso se assemelha ao reconhecimento da glória de Deus pelo rei Dario: “Porque Ele [o Deus de Daniel] é o Deus vivo e que permanece para sempre; o Seu reino não será destruído, e o Seu domínio

⁹ Para detalhes sobre o juízo promovido em Daniel 7, ver Shea (1992, p. 111-153) e Goldstein (2017).

não terá fim” (Dn 6,26). Da mesma forma, em Daniel 7,14, a respeito do escatológico Filho do Homem, é dito: “Foi-Lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas O servissem; o Seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o Seu reino jamais será destruído.”

Dessa glória divina, que há de se manifestar na “revelação de Jesus Cristo” (1Pd 1,7), participarão aqueles que, mesmo em meio a provações, permanecerem firmes na “genuína graça de Deus” (1Pd 5,12). Esses, à semelhança de Daniel, se levantarão “ao fim dos dias” para receber a sua herança (Dn 12,13; cf. 1Pd 3,9) – herança essa “incorrutível, sem mácula, imarcescível, reservada nos Céus” (1Pd 1,4).

Considerações finais

Após atenta análise dos principais paralelos temáticos entre o livro do profeta Daniel e a primeira epístola do apóstolo Pedro, verificou-se que existem diversos pontos em que ambas as obras convergem e dialogam. Há vínculos instigantes que tocam em temas fundamentais das Escrituras, temas esses essenciais à vida cristã e à práxis da igreja. A fidelidade e integridade do crente em meio às provações; o valor do sofrimento no processo de refinamento do caráter; a perecibilidade e transitoriedade desta ordem atual em comparação com a permanência eterna das realidades por vir; a identidade e a conduta dos filhos de Deus em uma sociedade corrupta e hostil; a previsão de fatos relativos ao tempo do fim; o anúncio das boas-novas de salvação e da era de graça inaugurada pelo Messias; os assédios de Satanás; o cuidado de Deus por Seu povo; o juízo escatológico e o futuro glorioso reservado aos fiéis – todos esses assuntos são algumas das notas que compõem a admirável sinfonia que se orchestra quando contrapõem-se as narrativas e oráculos de Daniel com a parênese apostólica de Pedro.

Tais vínculos se desdobram em benefícios variados ao leitor-estudante, tanto em nível devocional quanto em nível teológico, na medida em que lançam abundante luz no processo de interpretação e aplicação dos textos. Portanto, conclui-se que um adequado estudo – tanto acadêmico quanto pessoal e pastoral – de ambas as obras bíblicas aqui analisadas não deveria prescindir da consideração dos paralelos existentes entre elas.

Referências

BALDWIN, Joyce G. **Daniel: Introdução e Comentário**. Vida Nova: São Paulo, 2008.

CALVINO, João. **Commentary on the Book of the Prophet Daniel – Volume 1.** Tradução para o inglês de Thomas Myers. Bellingham, WA: Logos Research Systems, 2010.

DORNELES, Vanderlei. **Pelo Sangue do Cordeiro: A Vitória do Remanescente na Batalha Final.** Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

GOLDSTEIN, Clifford. **1844: Uma Explicação Simples das Principais Profecias de Daniel.** 7ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

GRUDEM, Wayne A. **Comentário Bíblico de 1 Pedro.** São Paulo: Vida Nova, 2016.

JESKE, John C. **The People's Bible: Daniel.** Milwaukee, WI: Northwestern Publishing House, 1985.

JOBES, Karen H. **1Pedro: Comentário Exegético.** São Paulo: Vida Nova, 2022.

KEENER, Craig S. **Comentário Histórico-Cultural da Bíblia: Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2017.

KISTEMAKER, Simon J. **Comentário do Novo Testamento: Epístolas de Pedro e Judas.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

LIEU, Judith. M. "Grace to you and peace": the apostolic greeting. **Bulletin of the John Rylands Library**, v. 68, n. 1, p. 161-178, 1985.

LOPES, Augustus N. **Interpretando o Novo Testamento: 1Pedro.** São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

LOPES, Hernandes D. **Comentário Expositivo do Novo Testamento: Epístolas Gerais e Apocalipse.** São Paulo: Hagnos, 2019.

MANGANO, Mark. **The College Press NIV Commentary: Esther & Daniel.** Joplin, MO: College Press, 2001.

NICHOL, Francis D. (ed.). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013. v. 4.

RUEDA NETO, E. Uma breve análise do diálogo intertextual entre Ezequiel 9:6, Malaquias 2:17–3:5 e 1Pedro 4:17. **Revista Caminhando**, v. 27, p. 1-14, 2022.

SHEA, William H. **Selected Studies on Prophetic Interpretation.** Daniel and Revelation Committee Series – Volume 1. HOLBROOK, Frank B. (ed.). Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992.

SPROUL, Robert C. **Estudos Bíblicos Expositivos em 1 e 2 Pedro.** São Paulo: Cultura Cristã, 2016.

WHITE, Ellen G. **O Desejado de Todas as Nações.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

Recebido em: 21/08/2022
Aprovado em: 31/10/2022